

# Mapas imaginários sobre Porto Alegre: as representações da cidade no cinema

Miriam de Souza Rossini,  
Fabricio de Albuquerque Sortica,  
Flávio Antonio Cardoso Gil

## RESUMO

Este artigo apresenta os procedimentos de pesquisa e os resultados obtidos no subgrupo Cinema da pesquisa *Porto Alegre imaginada: representações dos cidadãos sobre a cidade*. Ao longo de 2007 e 2008, foram mapeados os filmes produzidos e exibidos em Porto Alegre, em diferentes formatos e suportes, e após foi feita a análise do corpus conforme as categorias propostas no projeto geral da pesquisa. O objetivo era compreender como a cidade era percebida e representada nas imagens audiovisuais cinematográficas. Na análise, observamos a estética visual e sonora, a estrutura narrativa e as principais temáticas. A cidade que surge nas telas de cinema com certeza é muito diferente do imaginário que existe sobre a cidade real. Ao invés de uma grande metrópole moderna, o que se percebe é uma cidade que mal consegue sair dos seus limites oitocentistas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Cinema gaúcho. Porto Alegre (RS). Cidade. Imaginário.

## 1 Introdução

Filmes precisam de cenário, e muitas vezes o cenário é a cidade real, porém, toda vez que se liga uma câmera, se faz um recorte sobre o real. E após todos os recortes feitos é preciso colocá-los em ordem criando uma nova cidade por meio do processo de montagem, que seleciona os melhores recortes e define a maneira de uni-los para contar a narrativa. Dessas ações cinematográficas surge uma nova cidade, colada à cidade real.

Tanto o recorte quanto a colagem dos recortes deixam transparecer o nosso imaginário sobre o objeto ou fato enfocado. A conceituação de imaginário é cheia de nuances, mas para este texto tomaremos por parâmetro o que diz a historiadora Sandra Pesavento (2003, p. 43): “entende-se por imaginário um sistema de idéias e imagens de representação coletiva que os homens, em todas as épocas, construíram para si, dando sentido ao mundo.”.

Já Armando Silva, cujo trabalho teórico e metodológico agendou as pesquisas dos grupos, ao falar sobre imaginários sociais busca em Luis Pinto a seguinte definição: “[...] [serian] aquellas representaciones colectivas que rigen los sistemas de identificación social y que hacen visible la invisibilidad social.” (2004, p.22).

Portanto, o imaginário dá sentido ao mundo e, a partir das representações do mundo (em textos verbais e não-verbais), torna visíveis as invisibilidades sociais.

No caso desta pesquisa, procuramos perceber nos filmes produzidos em Porto Alegre, por realizadores gaúchos ou não, os aspectos que eles recortaram para representar a cidade, e como a recriaram a partir do processo de montagem, seja para servir de pano de fundo de suas histórias, seja como temática principal, e desse modo ler em tais recortes e montagens os imaginários que se produzem sobre a capital gaúcha.

Dos aspectos mais enfocados, percebemos aqueles que se tornam os emblemas da cidade. Um emblema, segundo Silva (2004, p. 28), é “[...] una representación social de alta concentración simbólica desde un punto de vista urbano ou de un conjunto ciudadano.”. E complementa o autor que o emblema participa da natureza estética da cidade. As representações cinematográficas sobre a cidade também nos permitem perceber se alguns mitos sobre o espaço social retratado são referendados ou não. Roland Barthes (1989, p. 131-132) afirma que o mito é uma fala que “[...] não se define pelo objeto da sua mensagem”, mas pela maneira como é proferida, cabendo à história comandar a vida e a morte de uma linguagem mítica.

Sendo a cidade, como diz Pesavento (1999, p. 9) em outro texto, o “lugar do homem”, ela se presta “[...] à multiplicidade de olhares entrecruzados que, de forma transdisciplinar, abordam

o real na busca de cadeias de significados.”.

Todo filme narrativo constrói uma relação de espaço-tempo; a cidade-cenário ou a cidade-temática é sempre o produto do recorte da câmera e de ação da montagem, e é nessa construção de recortar e colar que se pode entrever os olhares produzidos sobre o nosso espaço social.

## 2 Procedimentos da pesquisa

A seguir, serão definidos os procedimentos da investigação, que incluíram a seleção e os critérios de análise dos filmes

### 2.1 Da seleção dos filmes<sup>1</sup>

Para constituir a mostra, foi feito um levantamento de todos os filmes produzidos, finalizados e exibidos em Porto Alegre no período de 2006 e 2007 que tivessem como tema a cidade de Porto Alegre, ou que tivessem a cidade como cenário, mesmo sem nominá-la.<sup>2</sup> Para isso, foram pesquisados os *sites* de instituições cinematográficas e de produtoras cinematográficas gaúchas, bem como todo material impresso coletado pelos demais grupos integrantes da pesquisa.

Ao todo foram visualizados cerca de vinte filmes,<sup>3</sup> e selecionados 12 para serem analisados. A mostra é composta de materiais captados em diferentes suportes (digital e película), e em diferentes formatos (curta, média e longa-metragem).<sup>4</sup> Também não se fez distinção entre produtos audiovisuais ficcionais e documentais. Os filmes selecionados foram:

#### Cinco curtas-metragens de ficção:

- *5 – 15*, de Filipe Ferreira;
- *Apenas mais uma História*, de Ricardo Azevedo;
- *Bem Intocado*, de Thelmo Corrêa;
- *Grão de Amor*, de Thelmo Corrêa;
- *Pier Blue - De um Inferno a Outro*, de Emilio Speck.

#### Três longa-metragens de ficção

- *Cão Sem dono*, de Beto Brant e Renato Ciasca
- *3 Efês*, de Carlos Gerbase
- *Ainda Orangotangos*, de Gustavo Spolidoro

#### Três documentários de diferentes formatos

- *Olhares da Cidade*, de Marcelo Gobatto e Juliano Ambrosini (curta-metragem)
- *Histórias de Esquina*, de Felipe Diniz (média-metragem)
- *Porto Alegre, Meu Canto no Mundo*, de Cícero Aragon e Jaime Lerner (longa-metragem)

<sup>1</sup> Em 2007, também participaram deste subgrupo de pesquisa as alunas: Clarissa Cavalli, graduada em Arquitetura e Urbanismo (UFRGS), e Liselote Marquetto, mestre em Comunicação (Unisinos).

<sup>2</sup> Todo o material utilizado na pesquisa obteve autorização dos realizadores.

<sup>3</sup> As fichas técnicas dos filmes podem ser conferidas no Anexo A.

<sup>4</sup> Segundo a medida provisória N. 2.228 de 6 de setembro de 2001, o curta-metragem tem duração de até 15 minutos; o média-metragem de 16 a 70 minutos, e o de longa-metragem tem duração a partir de 71 minutos.

### **Um projeto de vídeo experimental, composto de três pequenos filmes:**

- *Projeto Passagem Suspensa*, de Felipe Diniz; Mirela Kruehl; Cris Reque.

Retirou-se da mostra aqueles filmes que não apresentavam aspectos significativos da cidade, como no caso de três documentários sobre times de futebol porto-alegrense (*Gigante*, sobre o Sport Club Internacional; *A Batalha dos Afritos*, sobre o Grêmio Futebol Porto-alegrense, e *O Papão de 54*, sobre o extinto clube Renner), que se pautavam mais por entrevistas a jogadores e dirigentes dos clubes. As imagens, nesses documentários, eram basicamente cenas dos próprios jogos. Também foram desconsiderados filmes que se passavam exclusivamente em ambientes fechados, sem caracterizar qualquer local externo a eles, e que por esse motivo não mostravam a cidade em seus ambientes abertos.

## **2.2 Dos critérios de análise dos filmes**

Para analisar os filmes, foi elaborada, inicialmente, uma ficha baseada nos aspectos apresentados pela metodologia de Armando Silva, no livro *Imaginarios Urbanos: hacia el desarrollo de un urbanismo desde los ciudadanos* (2004), e seguida pelos demais grupos. Fizemos um pré-teste dessa ficha com um filme anterior ao período da mostra, o curta-metragem de ficção *Angelo Anda Sumido* (1996), do diretor Jorge Furtado. A partir dessa pré-análise, vimos que vários dos aspectos contidos na ficha não eram adequados para se pensar o filme, em função da especificidade do objeto e do tipo de resposta que ele poderia apresentar. Discutimos esse problema com o próprio Armando Silva, que também considerou o modelo da primeira ficha inadequado para o objeto. Refizemos o instrumento de acordo com as recomendações do pesquisador e com as nossas próprias constatações, chegando ao modelo final (Anexo B).

A ficha de análise procura abarcar quatro etapas. A primeira dá conta da identificação dos filmes. A segunda envolve a análise da linguagem audiovisual dos materiais; a terceira observa os aspectos ligados à cidade que são recorrentes nos filmes, e por fim há o cruzamento de todas as informações na fase da análise. Na terceira etapa, a ficha dialoga com os elementos contidos nas entrevistas propostas para a pesquisa, como clima da cidade e o caráter dos porto-alegrenses. Na quarta etapa, fomos buscar no livro de Silva os elementos da interpretação. Destacamos aspectos que podem ser identificados visualmente, como, por exemplo, as imagens recorrentes que se tornam emblemas urbanos. Por sugestão de Armando Silva, incorporamos um item para ritos e

mitos porto-alegrenses.

Após o preenchimento de todos esses itens, os dados foram tabulados (Anexo C), permitindo-nos perceber melhor os aspectos gerais tratados na pesquisa maior. Finalmente, partimos para a interpretação da cidade de Porto Alegre representada nos filmes analisados, em que ela é o tema central ou o cenário, como já explicamos.

### 3 A Cidade nas telas

A Porto Alegre cinematográfica é um local de contrastes. Para começar, ela não é enunciada na maioria dos produtos audiovisuais analisados. Apenas em um, que traz o nome da cidade no título (*Porto Alegre, Meu Canto no Mundo*), ela aparece como personagem principal. Fora isso, ela é cenário para as ações que se desenrolam nas narrativas cinematográficas, sejam elas ficcionais ou documentais. Mesmo um documentário que se intitula *Olhares da Cidade* não explicita, na sua narrativa, a cidade a que se refere. O nome da cidade só aparece nos créditos finais. Assim, é meio pelas frestas que vamos percebendo a Porto Alegre das telas.

Porém, se o nome da cidade não é explicitado nestes produtos, vários dos espaços percorridos são praticamente os mesmos na maioria dos filmes analisados, produzindo uma grande repetição discursiva. A região central aparece como o espaço que mais serve de cenário para as narrativas. Nos curtas-metragens *Bem Intocado e 5-15*, as ruas centrais próximas ao Mercado Público e à Praça XV, com o seu burburinho característico, são o cenário principal. Em *Pier Blue*, a narrativa desenvolve-se na ponta oposta do centro: o início da Rua dos Andradas que, filmada à noite, parece-se com uma rua antiga e vazia. No documentário *Histórias de Esquina*, conhecemos prostitutas que trabalham nas imediações centrais, como a Praça da Alfândega, e que residem fora da área central, embora não fique claro aonde. E em *Olhares da Cidade* um dos personagens mora nas ruas do centro (na Praça Otávio Rocha). Ao final do filme, uma família que mora no interior é trazida para a Capital; eles passeiam pelas ruas centrais da cidade, visitando a Catedral Metropolitana, a Casa de Cultura Mário Quintana; andam pela Avenida Salgado Filho e pela Rua dos Andradas. Os visitantes terminam seu passeio na beira do Rio Guaíba, admirando o pôr-do-sol próximo à Usina do Gasômetro. Dois dos pequenos curtas que compõem o documentário experimental *Passagem Suspensa* também escolhem a região central como cenário. Em um deles a ação acontece em frente ao Hospital Santa Casa de Misericórdia; noutro o espaço é a estação central do Trensurb (Trens Urbanos de Porto Alegre) e o próprio movimento do trem.

Em dois longas-metragens de ficção, *Cão sem dono* e *3 Efes*, os personagens principais moram numa região próxima, geografi-

camente: as imediações da Borges de Medeiros, na altura da Ponte de Pedra e do Viaduto da Borges. Portanto, também habitam a área central da cidade. Reconhecem-se, em especial, as esquinas da Rua Demétrio Ribeiro com a Avenida Borges de Medeiros, e as escadarias da Rua Fernando Machado, que ligam esta rua com a Rua Duque de Caxias. Em ambos os filmes, alguns personagens ultrapassam as barreiras da região central, deslocando-se para áreas diferentes, não pronunciadas, mas ampliando a idéia de que há outros lugares na cidade, como os bairros residenciais e as áreas de prédios de escritórios. No entanto, é na região central da cidade, que marca a fundação de Porto Alegre, que as ações principais se desenvolvem.

Em *Ainda Orangatagos*, um único plano seqüência acompanha diferentes personagens ao longo de um dia por um passeio pela cidade que começa na região central, mas sem abandonar este “cinturão”. A câmera segue um personagem que desce do metrô na Estação Mercado Público e atravessa o Mercado, ainda vazio no início da manhã. Em seguida, acompanhando outro personagem, vemos a Praça XV e as paradas de ônibus no entorno. Ao final do filme, o trajeto de outros personagens demonstra que eles possivelmente retornam para o local onde a narrativa teve início.

Percebe-se, assim, a importância dessa parte da cidade como referência da própria cidade, embora nem sempre suas partes remetam ao todo ao qual se referem. Nessa região central, os prédios mais mostrados e que se transformam em emblemas da cidade são: o Mercado Público, a Catedral Metropolitana, a Praça XV, a Estação do Trensurb. Já as ruas mais enquadradas são a Rua dos Andradas e a Avenida Borges de Medeiros, bem como suas imediações.

Mesmo um filme como *Grão de Amor*, que introduz uma outra região nesse espaço cinematograficamente construído, o Bairro Moinho de Ventos, recorre à região central para criar laços imagéticos com Porto Alegre. Os personagens caminham pelas ruas do bairro rico, próximas ao *Shopping Moinhos*, mas vão olhar o pôr-do-sol no Guaíba. Escolhem como local da visita o Cais do Porto, como se essa fosse uma prática comum entre os habitantes locais. Em outra cena que explora os espaços abertos, os personagens do filme, um casal de irmãos pratica patinação na Avenida Beira Rio, próximo à ponte sobre o Arroio Dilúvio. Essa escolha também é interessante, pois geograficamente os personagens moram próximos ao Parcão, que é um parque que fica numa das áreas mais nobres da cidade. Porém, ao invés de explorá-lo como cenário, os personagens dirigem-se ao centro com o seu cartão postal: as proximidades do Rio Guaíba.

Em alguns dos filmes até aqui analisados percebemos um

dos mitos da cidade: o uso do Trensurb como transporte público urbano dos moradores. Em *Ainda Orangotangos* e em *5-15*, os personagens chegam à região central pelo metrô. Cenas de grande movimento são feitas neste espaço para mostrar o dinamismo da cidade. Em *Passagens Suspensas* e *Olhares da Cidade*, também são inseridas cenas no metrô, embora sem função narrativa, apenas para enfatizar o movimento. Percebe-se a cidade vazia com personagens agitados.

O interessante desse uso cinematográfico é que o metrô não é um transporte público que exista de fato em Porto Alegre, mas é algo que faz parte do imaginário dos seus moradores, constituindo-se numa das grandes demandas para a localidade. A Empresa de Trens Urbanos de Porto Alegre S.A. (Trensurb) é uma empresa pública que, desde 1985, opera uma linha no Eixo Norte da região metropolitana de Porto Alegre, ligando-a com os municípios de Canoas, Sapucaia e São Leopoldo. Das 17 estações do metrô, apenas seis estão dentro do perímetro urbano da capital gaúcha e, embora não seja muito utilizado pelos seus habitantes, é o único metrô que a cidade pode oferecer para dar conta do seu imaginário de metrópole grande e moderna.

Talvez por isso, em *Grão do Amor*, apareça o novo Aeroporto Salgado Filho. Localizado na entrada da cidade, ele é de porte médio, mas moderno como convém a uma capital como Porto Alegre. E isso dá ao filme um ar mais urbano e atualizado.

Depois do Centro e seus arredores, o outro bairro mais visualizado em filmes é o Bom Fim. Assim como o Centro, o Bom Fim é um dos bairros mais antigos da cidade, e há algumas décadas foi muito popular como ponto de encontro de artistas e públicos alternativos em geral. Ambos estão bastante empobrecidos, hoje, e sem a mesma relevância cultural de outrora, mas ainda estão presentes no imaginário dos porto-alegrenses e são muito solicitados enquanto cenário que identifica Porto Alegre. O trajeto pelo bairro inclui as tradicionais avenidas Oswaldo Aranha e Venâncio Aires. No filme *Cão sem dono*, é possível perceber algumas esquinas da Oswaldo, e em *Ainda Orangotangos* o trajeto do ônibus, após passar pelo Viaduto da Conceição, inclui a Oswaldo e a Venâncio, passando pela Rua José Bonifácio. Vemos a Avenida Oswaldo Aranha apenas pela janela do ônibus, assim como ocorre em *Cão sem dono*, mas a Avenida Venâncio Aires é percorrida a pé pelos personagens. A câmera, que vai mudando de foco de interesse ao longo da narrativa, acompanha um grupo de personagens da Venâncio Aires até a Avenida João Pessoa, na altura do Parque Farroupilha (ou Redenção, como é mais conhecido).

No Bairro Bom Fim, além das ruas já citadas, o outro espaço muito focado é o Parque Farroupilha, que também se torna emblema da cidade. Em outros filmes, os bancos do parque são

locais de encontro e descanso dos personagens, como em *Porto Alegre, Meu Canto no Mundo*. Em *3 Efes*, também são vistos alguns ângulos do parque.

O Bairro Menino Deus é outro que aparece como cenário de alguns filmes, mas não é destacado nenhum aspecto característico do bairro. Para um morador do Menino Deus, é possível reconhecer algumas praças, como a Estado de Israel e a Praça Itália, localizada ao lado do *Shopping* Praia de Belas (que não chega a aparecer no filme), e algumas avenidas, como a Ganzo e a Getúlio Vargas, porém elas não se constituem como espaços que identificam a cidade imaginariamente.

A Zona Norte da cidade é mais nomeada do que mostrada nos filmes. Em *História de Esquinas*, algumas das entrevistadas moram na zona norte, mas não se sabe onde. Em *Olhares da Cidade*, sabe-se que uma das personagens mora no Conjunto Habitacional do bairro Rubem Berta porque aparece nos créditos do filme! A personagem em questão se refere ao seu local de moradia apenas como Cohab, e o entorno de sua casa é bem pouco explorado. Aliás, chama a atenção nos dois documentários o fato de que as imagens constantemente se voltam para a região central da cidade, embora os personagens habitem outros espaços e falem dos espaços em que habitam.

Em *Cão Sem dono*, um dos personagens mora na Zona Norte — identificada apenas por quem conhece a cidade, no momento em que o mesmo menciona a Av. Sertório como via de acesso a seu endereço —, mas novamente não se vê o bairro. Os personagens de *3 Efes* também circulam por ruas e praças da Zona Norte, mas é difícil a identificação dos mesmos.

Talvez o personagem que mais atravessasse bairros da cidade seja o de *Cão Sem dono*, talvez porque o diretor, sendo um paulista, não esteja tão impregnado desse imaginário representacional da cidade. Assim, o personagem do filme mora no centro da cidade; tem amigos na zona norte; seus pais moram na Zona Sul (não especifica o bairro), e ele vai conversar com uma editora nas imediações do Bairro Azenha. A maior parte desses locais só é vista da janela do ônibus, transporte que ele usa constantemente. Neste filme temos, também, as únicas referências visuais de algum fragmento da Zona Sul (a beira do rio e a Avenida Beira Rio, que serve de elo com essa parte da cidade).

Ainda não falamos de um documentário: *Porto Alegre, Meu Canto no Mundo*. Este filme, que procura mostrar olhares carinhosos sobre a cidade, acaba por ratificar aquilo que já observamos até aqui em termos de espaço de representação das demais películas. A área que preferencialmente se mostra é a central: as ruas (em especial as Avenidas Borges de Medeiros e Salgado Filho, e a Rua dos Andradas), as praças, os viadutos, os prédios, o Rio Guaíba,



o Mercado Público, a Praça XV, a Catedral Metropolitana. Ou seja, explora aqueles lugares e espaços que já definimos como emblemas da cidade e que são facilmente evocados quando se quer falar de Porto Alegre. Também o Bom Fim recebe grande atenção enquanto espaço de representação, em especial o Parque Farroupilha.

Mesmo assim, encontramos algumas imagens (quase de contrabando) de outros lugares que praticamente não são vistos: o aeroporto e a Vila dos Papeleiros, algumas ruas do Bairro Moinhos de Vento, em especial as imediações do Departamento Municipal de Águas e Esgotos (DMAE), algumas ruas do Menino Deus e da Cidade Baixa. Talvez o diferencial é que se mostrem duas vilas dentro da cidade: uma na entrada da cidade, na Zona Norte, e outra no Bairro Cristal. Interessante destacar que a Zona Sul é mencionada por um dos entrevistados, que mora lá, mas a imagem que se segue é do Centro.

Nesse quesito, as áreas visualizadas nos filmes, percebemos que há uma concentração de imagens naqueles espaços considerados históricos e ligados à fundação de Porto Alegre. Afinal, a cidade nasce à beira do rio, e no seu início possui poucas ruas paralelas ao Guaíba. Os arrabaldes, Cidade Baixa e Bom Fim, são os primeiros espaços fora da região central a serem incorporados. Tal dado histórico ainda permanece vivo no imaginário cidade, e no modo como ela é representada e apresentada. Se Porto Alegre é hoje muito maior do que o centro histórico, no imaginário dos seus moradores isso muito pouco se revela.

Em função desse trajeto várias vezes percorrido (Centro, Bom Fim, Cidade Baixa, Centro), chamamos o percurso de “circuito”, e é nas imediações dele que os filmes se desenrolam. Além desse aspecto de permanência de um imaginário de fundação da cidade, também cabe destacar que a maioria das produtoras de cinema e vídeo envolvidas nos projetos está localizada nesses bairros, o que talvez facilite o processo de produção cinematográfica.

Outro aspecto é que estes bairros possuem forte apelo para a cultura alternativa da cidade, possuindo muitos bares de diferentes matizes; os poucos cinemas de calçada que restam em Porto Alegre (como as salas da Casa de Cultura Mário Quintana); os museus (como o Museu de Arte do Rio Grande do Sul, MARGS) e os espaços de convivência cultural. A Praça da Alfândega, por exemplo, é o lugar que abriga velhos aposentados, prostitutas e outros marginalizados; e é também o espaço onde se realiza, anualmente, a Feira do Livro de Porto Alegre há mais de cinquenta anos. O mesmo acontece com o Parque Farroupilha, espaço de lazer e delitos que aos fins de semana abriga o tradicional Brique da Redenção, uma feira de artesanato que faz parte do patrimônio cultural da cidade.

Assim, embora esses bairros estejam empobrecidos financeiramente – o que se percebe na estética sombria que por vezes perpassa os filmes –, eles ainda possuem um atrativo cultural que os destaca dos demais, e talvez por isso sejam lembrados como referências visuais sobre a capital gaúcha.

Sobre as temáticas, os assuntos mais abordados nos filmes são, em primeiro lugar, o sexo, e em segundo, a violência. Tanto nos filmes documentários quanto nos ficcionais, o sexo ocupa um lugar importante. Em *Histórias de Esquina*, a vida de um grupo de prostitutas é retratada. De algumas, conhece-se os espaços domésticos; de outras os locais onde trabalham (as ruas e os bares da cidade). Em *Porto Alegre, Meu Canto no Mundo*, os entrevistados referem-se aos bordéis que havia na cidade, e pelos quais Porto Alegre era famosa.

É nos filmes de ficção, porém, que o sexo como temática é mais explorado. Em *3 Efes*, a temática compõe um dos “efes”<sup>5</sup> a que se refere o título, e por isso aparece diversas vezes na narrativa. Na vida cotidiana dos casais, nas infidelidades conjugais, na prostituição. Aliás, uma das personagens é prostituta, outra é ex-prostituta, e uma terceira está sendo iniciada na atividade.

Em *Cão Sem dono*, o sexo é a única atividade que liga o personagem central, um jovem deprimido e sem emprego, à vida. Assim, o filme já inicia com uma explícita cena de sexo. E várias outras são vistas ao longo da narrativa. Em *Ainda Orangotangos*, a câmera, que passeia pela cidade observando vários moradores, entra num apartamento, acompanhando um casal que recém se conheceu, e que inicia vários jogos sensuais.

Nos curtas-metragens, a temática aparece em *Pier Blue*, que abre com uma bela seqüência com prostitutas de calçada, oferecendo-se a inexistentes clientes, ao som de um tango. Em *Grão de Amor*, embora não haja sexo, pode-se ver a personagem principal fazendo uma dança sensual, sozinha no quarto, numa cena totalmente desprovida de sentido narrativo.

Percebe-se, assim, a importância da temática no imaginário local, já que ganha relevância em termos de representação. Porto Alegre, realmente, ainda tem uma grande quantidade de boates e bordéis em que existe o comércio sexual; possui várias ruas em que tradicionalmente se encontram prostitutas das mais variadas idades, tal qual se vê nos filmes. E também há muitos motéis. Nos filmes, os motéis aparecem como ponto de encontro de casais (casados, namorados, infieis).

Entretanto, se essa representação não é puritana ou cercada de moralismos, ela também não é erótica. O que se observa, em geral, é um tratamento bastante cru, naturalizado, embora muitas vezes ligado à marginalidade. Daí, talvez, tantas prostitutas serem representadas na ficção e no documentário.

■  
<sup>5</sup> A idéia do filme surge de uma proposta do professor de cinema, Aníbal Damasceno Ferreira, e desenvolvida por Carlos Gerbase neste filme. Os seres humanos são motivados pelos 3 Efes: a fome, o fasma e o sexo (que se traduziria, chulamente, por foda).

A marginalidade, aliás, também destaca-se como temática relevante dentro dos filmes porto-alegrenses analisados. Os personagens quase sempre são pobres ou empobrecidos, vivem à margem de uma sociedade rica e próspera, mesmo que eles vivam em um bairro rico, como acontece com os personagens de *Grão de Amor*. O casal de irmãos vive sozinho num apartamento pequeno e vazio, embora suas ações não dêem conta desse empobrecimento (andam de patins nos parques da cidade, passeiam por lugares bonitos, admiram o pôr-do-sol no Guaíba).

Assim, mesmo que as diferenças de classe apareçam, não há uma postura de questionamento dessas diferenças, e muitas vezes tudo se resolve ou pela violência ou pelo sexo. *3 Efês* novamente serve como exemplo principal. Temos vários personagens que se cruzam ao longo da narrativa, sendo que um deles é um rapaz negro, papaleiro, que se envolve romanticamente com uma dona de casa, classe média alta, frustrada sexualmente, e que é ex-prostituta. A diferença social entre eles é apagada no filme, mas é ela que acaba motivando a resolução da história, pois a sobrinha da mulher acha que o rapaz está armado e vai assaltar a tia, quando na verdade ele só está realizando uma fantasia sexual dela (o fasma).

Em *Pier Blue*, a violência e a marginalidade estão na relação de um homem com seu chefe autoritário e sua esposa infiel. Infeliz, ele anda pelos bairros de prostituição (com sua violência encenada para o filme) e acaba se suicidando. O dono do bar, como se já estivesse acostumado com esse tipo de ação, manda jogarem o corpo do suicida na sarjeta. Em *5-15*, o personagem principal – um simpático rapaz que vai rezar na Catedral Metropolitana e que faz compras no Mercado Público para a esposa –, é na verdade um assassino profissional. Em *Apenas Mais Uma História*, a vida de um rapaz de classe média que se torna policial, e a de outro que é morador de rua e assaltante, são aproximadas do nascimento à morte. Enquanto o primeiro é casado e tem família, o outro vive perambulando pelas ruas desde criança. O final para eles é a morte, após um tiroteio. Numa das pequenas histórias de *Passagem Suspensa*, a câmera segue a andança de cachorros vira-latas pelas ruas do bairro Menino Deus. E em *Cão Sem dono*, o próprio personagem do filme é a metáfora desse cão sem eira e nem beira, vivendo numa marginalidade auto-imposta, que é retratada no ambiente vazio e desprovido de vida que é o seu apartamento.

*Histórias de Esquina* apresenta o próprio submundo das prostitutas que trabalham em Porto Alegre, muitas vezes apanhando dos clientes e sendo tratadas como seres inferiores. *Olhares da Cidade* apresenta personagens também marginais, como um morador de rua que vive há mais de vinte anos numa praça da

cidade, ou outra senhora que vive num condomínio invadido na Zona Norte. Todos esses são personagens à margem. Cada um vive a marginalidade dentro do espaço urbano de forma diferente, o que propicia, justamente, que apresentem aspectos não percebidos da cidade por aqueles que são os “estabelecidos”, ou não-marginais.

Em alguns, a marginalidade se dá pela própria pobreza e falta de perspectiva de uma vida melhor. Em outros, a marginalidade é vista como uma escolha a um modo de vida considerado como “norma” ou padrão. Esse segundo grupo constitui uma parcela que podemos chamar de “alternativa”, e que igualmente constitui-se como uma das marcas visuais e comportamentais de Porto Alegre, e que podemos observar no nosso cinema desde os anos 1980. Boa parte dos cineastas da cidade pertence ou pertencia a essa parcela “alternativa” da população, e que é a mesma que frequenta os espaços culturais e de convívios existentes nos bairros mais retratados nos filmes.

Ainda há outros aspectos temáticos para se discutir quanto aos filmes. A Porto Alegre que se apresenta nas telas vive de uma ambigüidade impressionante. Se a percepção que se tem é de uma cidade violenta e marginal, essa não é a única percepção sobre ela. Nas imagens, também há o contraste entre a cidade metrópole e a cidade interiorana. Muitas vezes os filmes privilegiam o lado metrópole, e apresentam cenas em que se sobressaem o burburinho, a agitação da cidade grande onde reina a indiferença (*Apenas Mais Uma História, Passagem Suspensa, 5-15, Olhares Sobre a Cidade, Histórias de Esquina, Porto Alegre, Meu Canto no Mundo, Bem Intocado*). Às vezes, esse lado metrópole é identificado com o espaço vazio, triste, abandonado (*Pier Blue, Cão Sem dono, 3 Efês*). Outras vezes, a cidade parece um lugar pacato, como se vê em *Grão de Amor*. Em geral, esses olhares coexistem no mesmo filme, como se percebe em *Ainda Orangotangos*. A cidade, portanto, é uma e é muitas. Depende do recorte que se faz, do que se enquadra.

Para sonorizar esses filmes, quase sempre o que se ouve é o som ambiente (barulho das ruas, vozes, carros, etc.). Quando há trilha, em geral ela é instrumental; quando há trilha musical cantada, o que se ouve é o rock e o pop gaúcho, ou algum cantor gaúcho, como Lupicínio Rodrigues (*Cão Sem dono*), mas todos de Porto Alegre. Não há o registro sonoro de músicas gauchescas ou de músicas vindas de outras partes do Brasil. No máximo, há o tango em *Pier Blue*. Assim, sonoramente, a cidade praticamente não dialoga com outros espaços, mesmo os do interior do Estado.

Em termos de cor, a que predomina são os tons amarelados e alaranjados, até porque em geral os filmes se passam durante o dia, com predominância das manhãs sobre as tardes. Se o rio

é importante e o pôr-do-sol é um cartão postal, são poucas as cenas que se passam nesse cenário (*Grão de Amor, Olhares Sobre a Cidade, Porto Alegre, Meu Canto no Mundo*). É como se a cidade, mesmo no cinema, estivesse de costas para o rio.

Nessas cenas diurnas, o que predomina são os passeios nos parques, o que nos dá, também, os tons esverdeados. Porto Alegre é uma cidade, portanto, que se apresenta como diurna e com uma população que faz uso de seus espaços abertos.

As cenas noturnas existem, mas em menor número nos filmes. Em geral, a noite é associada à tristeza, solidão e marginalidade, como se vê em *Ainda Orangotangos, 3 Efes, Pier Blue, Olhares da Cidade, Histórias de Esquina, Cão Sem dono*, sobretudo. Elas são responsáveis pelas tonalidades escuras, reforçadas pela fraca iluminação. Nas imagens captadas na região central, também predomina o acinzentado dos prédios antigos, velhos.

Novamente notamos aquela dualidade de que falávamos em termos de representação da cidade. Se antes era a metrópole *versus* a cidade pacata e interiorana, agora é a cidade diurna *versus* a cidade noturna; a cidade clara *versus* a cidade escura; a cidade cheia *versus* a cidade vazia. Há um item, porém, em que não há dualidade: o caráter do porto-alegrense, apresentado na maioria dos filmes, tende de melancólico a agressivo e isso combina com o tipo de história narrada neles.

Os espaços fechados mais freqüentados são bares, motéis, casas de amigos e parentes, como já citamos antes. Livrarias ou pessoas lendo aparece pouco: em *Cão Sem dono*, o personagem principal, que é tradutor, vai trabalhar numa livraria, e em *Grão do Amor* aparece a personagem principal entrando numa pequena livraria, junto com seu irmão. Em *Ainda Orangotangos*, há um escritor, enquanto a Feira do Livro de Porto Alegre aparece rapidamente em *Porto Alegre, Meu Canto no Mundo*.

Em termos de clima o que chama a atenção é que os filmes não reforçam o imaginário de uma cidade fria, como se mostra nos noticiários nacionais. A temperatura que predomina nos filmes é quente ou temperada. Não há um único filme dentro da mostra que se passe num dia frio e chuvoso de inverno, com os personagens dentro de casa encolhidos embaixo de cobertas ou usando roupas pesadas de inverno! A cidade certamente faz parte do país tropical, embora não tenha praias.

Também para contradizer o imaginário nacional, e seguindo aquilo que percebemos em termos de sonoridade, nem na culinária Porto Alegre se descreve como gaúcha. Não há personagens tomando chimarrão ou assando churrasco. Num filme como *3 Efes*, onde a preparação de alimentos faz parte de um dos “efes” que compõem o título (que o liga à fome), tudo o que se vê são pratos que privilegiam a comida italiana (muitas massas), as sala-

das, os frutos do mar, o vinho e os lanches rápidos. Essa, talvez, uma das características mais porto-alegrenses: comer *x-burger*. O vinho é a principal bebida servida neste filme. O hábito de frequentar bares para um *happy hour* também aparece em *3 Efes*. Em *Cão Sem dono*, onde as refeições com amigos e a família são a principal atividade de lazer (depois do sexo!), também são servidas massas e saladas, ou assados feitos em formas, não em churrasqueiras. Aqui, a bebida é a cerveja.

O gauchismo, com certeza, não faz parte desse imaginário fílmico percebido nas produções feitas na cidade. Nem na música, nem nas tradições, nem no cotidiano ele se manifesta nas narrativas. Não há qualquer símbolo gaúcho presente nos filmes. Por outro lado, em alguns deles podemos perceber símbolos da própria cidade, como as bandeiras dos dois principais times de futebol, Internacional ou Grêmio, ou torcedores desses times (*Porto Alegre, Meu Canto no Mundo*). Aliás, a predileção por um dos times influencia até a narrativa do filme, como se observa em *Ainda Orangotangos*, já que o diretor, Gustavo Spolidoro, é colorado fanático e diretor de um documentário sobre seu time “do coração”. Já em *3 Efes*, cujo diretor Carlos Gerbase é gremista, há dois personagens – um deles namorado da protagonista – que são jogadores juvenis de futebol tentando uma carreira no exterior, e que treinam no estádio e vestem uniformes do Grêmio. Essa é, também, mais uma manifestação do dualismo já observado a respeito de outros itens.

#### 4 Considerações finais

Vemos, portanto, que a Porto Alegre dos filmes é muito diferente da Porto Alegre real. Em termos de espaço geográfico, nos filmes, ela é limitada, pois é privilegiado basicamente o espaço de sua fundação. Em termos de cultura, ela apresenta-se como independente do gauchismo adotado no Estado e difundido em termos de imaginário nacional sobre o Rio Grande do Sul. Seja como cidade-cenário ou como cidade temática, ela não possui laços, igualmente, nem com o que se entende, estereotipadamente, por uma cultura brasileira (samba, praia, caipirinha, carnaval), ou latino-americana. Talvez só haja diálogo com a representação da cultura brasileira ou latina na representação daquilo que se refere a uma sexualidade ativa, embora não-erótica.

A cidade que se vê nos filmes também não endossa o imaginário sobre o Rio Grande do Sul (frio, chuvoso; gente bonita e de classe média alta, intelectualizado). O calor e os dias iluminados sobrepujam o longo inverno. Em oposição, os personagens tristes, saudosistas, abandonados, frustrados, perdedores, são em maior número do que os bem-sucedidos.

Tais discrepâncias e contrastes parecem ser o próprio espírito

do povo que habita a cidade: grandes levas de migrantes e imigrantes que vão procurando sobreviver de forma marginal ao ritmo ora frenético, ora estagnado de Porto Alegre. Uma cidade que já viu dias melhores, e que hoje vive à sombra de glórias passadas. E isso transparece na escolha dos emblemas que emolduram os filmes: a área central antes rica e agora empobrecida, os prédios antigos e ainda majestosos, as ruas que já foram marcas de uma cidade elegante e moderna.

### **Imaginary maps about Porto Alegre: representations of the city in the movies**

#### **ABSTRACT**

This article presents the research procedures and the outcomes obtained in the subgroup Movies, from the research *Porto Alegre imaginada: representações dos cidadãos sobre a cidade*. Along of the years 2007 and 2008, the films produced and shown in Porto Alegre were mapped in different formats and supports and after, it was made the analysis of the corpus according to the proposal categories of the general project of the research. The purpose was to understand how the city was observed and represented in the cinematographic audiovisual images. In the analysis, we noticed the visual and sounding aesthetics, the narrative structure and the main themes. The city that rises on the screen of the movies is surely very different from the imaginary that exists about the real city. Instead of a big modern metropolis, what we see is a city that hardly can get out of its 18th Century limits.

**KEYWORDS** : Gaúcho movies. Porto Alegre (RS). City. Imaginary.

### **Mapas imaginarios sobre Porto Alegre: las representaciones de la ciudad en el cine.**

#### **RESUMEN**

Este artículo presenta los procedimientos de investigación y los resultados obtenidos en el subgrupo Cine de la investigación de Porto Alegre imaginada: *representaciones de los ciudadanos sobre la ciudad*. A lo largo del año 2007 y 2008, fueron mapeadas las películas producidas y exhibidas en Porto Alegre, en diferentes formatos y soportes, y después de hecho los análisis del corpus conforme las categorías propuestas en el proyecto general de la investigación. El objetivo era comprender como la ciudad era percibida y representada en las imágenes audiovisuales cinematográficas. En el análisis, observamos la estética visual y sonora, la estructura narrativa y las principales temáticas. La ciudad que surge en las telas del cine con la seguridad es muy diferente del imaginario que existe sobre la ciudad real. Al contrario de una gran metrópoli moderna, lo que se aprecia es una ciudad que mal consigue salir de sus límites de los años ochenta.

**PALABRAS CLAVE**: Cine gaúcho. Porto Alegre (RS). Ciudad. Imaginario.

#### **Referências**

BARTHES, Roland. **Mitologias**. 8ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

PESAVENTO, Sandra Jatáhy. **História & história cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

\_\_\_\_\_. **O Imaginário da cidade: visões literárias do urbano**. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1999.



SILVA, Armando. **Imaginarios urbanos**: hacia el desarrollo de un urbanismo desde los ciudadanos: metodología. Bogotá: Convenio Andrés Bello: Universidad Nacional de Colombia, 2004.

## **Anexo A – Fichas Técnicas dos Filmes**

**5 - 15** (Ficção, 9' 28", Video Digital, Cor, Stereo)

Roteiro: Édnei Pedroso; Direção: Filipe Ferreira; Elenco: Marco Soriano Jr.; Produtora/Distribuidora: Arquivo Morto; Produção/Exibição: 2006. Sinopse: Acompanhe o descolamento de um trabalhador da metrópole, em um dia rotineiro, em um lugar onde nem tudo é o que parece. Nas ruas, no trem, no mercado, ao telefone - uma jornada dentro de uma realidade onde os fins justificam os meios.

**Apenas Mais Uma História** (Ficção, Curta-metragem, Video Digital, Cor, Stereo)

Roteiro/Direção: Ricardo Azevedo; Montagem: Darjá Lages; Elenco: Gustavo Rodrigues Nunes, Éder Vaz Alencar, Daniela Cavalheiro, Giovana Marques, André Felipe Souza; Produtora/Distribuidora: Ascine; Produção: 2005; Exibição: 2006. Sinopse: Filme sobre dois homens, com realidades diferentes, mas que acabam sofrendo pelos mesmos motivos. Enquanto um aproveita sua vida classe média-alta, o outro suporta o peso da pobreza. As escolhas de ambos levam a desastres que unem seus destinos, em um duelo em que normalmente todos são perdedores.

**Bem Intocado** (Ficção, 8'53", Video Digital, Cor, Stereo)

Roteiro/Direção/Montagem: Thelmo Corrêa; Elenco: Juliano Barros, Bruna Freitag; Produtoras: VT1 Cinema e Vídeo e Timeline Produções; Produção/Exibição: 2007 Sinopse: O ritmo é frenético, o mercado é informal e o cara tá bombando. Um vendedor ambulante oferece um produto estranho, provocando a dúvida em sua possível cliente.

**Grão de Amor** (Ficção, 20min., Video Digital, Cor, Stereo)

Roteiro: Bruna Freitag; Direção: Thelmo Corrêa; Montagem: Ricardo Rheingantz; Elenco: Bruna Freitag, Rafael Barreto Munhoz, Bibi Rositto, Roberto Birindelli. Produtora: VT1 Produções; Produção/Exibição: 2007. Sinopse: Uma menina e seu irmão. Eles vivem juntos a espera do pai, cada um de sua forma. Segundo ela o pai chegará à noite do dia seguinte. Pedro, seu irmão, vive a espera da criança onde nada o afeta e as expectativas são mínimas.

**Pier Blue – De um Inferno a Outro** (Ficção, 18' 40", Video Digital, Cor, Stereo)

Roteiro/Direção: Emilio Speck; Montagem: Roberto Moraes e Emilio Speck; Elenco: Leonardo Barison, Lesley Leichtweis, Rafael Kerber, Jonas Amadeo Lucas, participação especial de Jones Calisto e Rodrigo Pessin; Produtora/Distribuidora: Pier Blue Produtora; Produção/Exibição: 2006. Sinopse: Juvenal, um simples operário, passou a vida inteira lutando para ter uma condição melhor de vida. Casado com Lucia, vê seu casamento desmoronando e não agüenta mais as humilhações no seu local de trabalho.

**Projeto Passagem Suspensa** (Experimental, Curta-metragem,



DV-Cam, Stereo)

Roteiro/Direção: Felipe Diniz (Lugar Vagabundo), Mirela Kruel (O tempo que passa e você não vê) e Cris Reque (De Passagem); Montagem: Fábio Lobanowsky; Produtora/Distribuidora: Modus Vivendi Produtora; Produção: 2006/2007; Exibição: 2007. Sinopse: Vídeo instalação urbana projetada nas paredes da cidade, é composta por três curtas-metragens que refletem sobre a questão do deslocamento das grandes cidades, do tráfego das ruas e do movimento urbano em geral. *De Passagem*: mergulho no movimento dos meios de transporte urbanos, seus passageiros e suas vidas. *Lugar Vagabundo*: os caminhos de cachorros vira-lata nas ruas da cidade. *O Tempo que passa e você não vê*: bailarino em confronto com o tempo, a velocidade e os espaços urbanos.

**Histórias de Esquina** (Documentário, 46 min., Vídeo Digital, Cor, Stereo)

Roteiro/Direção: Felipe Diniz; Montagem: Fábio Lobanowsky; Personagens: Marisol, Ana Paula, Bela e Jane; Produtora/Distribuidora: Modus Vivendi Produtora; Produção: 2005; Exibição: 2006. Sinopse: Olhar sobre o cotidiano de quatro garotas de programa de Porto Alegre, mostrando um dia na vida de cada uma delas, do despertar até a preparação para o trabalho, passando por suas ocupações de rotina.

**Olhares da Cidade** (Documentário, 20 min., Cor, Stereo)

Direção: Marcelo Gobatto e Juliano Ambrosini; Montagem: Juliano Ambrosini e Marcelo Gobatto; Personagens: Seu Salvador, Nega, Nivaldo, Dona Maria e Tio Haroldo; Produtora: Laboratório Experimental. Sinopse: O vídeo traz a experiência e o encontro de cinco olhares sobre a cidade, vindos de lugares distintos: Dona Maria, moradora da Cohab Rubem Berta, na zona norte da cidade; Seu Salvador, morador de rua e habitante do centro; Nivaldo, músico que vive na Zona Norte e trabalha no centro da cidade; e dois outros personagens que moram no interior e passam um dia em Porto Alegre (a convite da equipe do documentário): Nega, dona de casa, moradora da Serra da Boa Vista, local onde não existe o fornecimento de luz elétrica; e Tio Haroldo, um senhor que viveu no Orfanato do Pão dos Pobres em Porto Alegre, entre os anos de 1930 e 40 e que comenta sobre sua percepção a respeito das mudanças da cidade.

**Porto Alegre, Meu Canto no Mundo** (Ficção/Documentário, 74 min., 35mm, Cor, Dolby)

Roteiro: João Knijnick e Jaime Lerner; Direção: Cícero Aragon e Jaime Lerner; Montagem: Rogério Ferrari; Produtora/Distribuidora: Infoco Filmes; Produção: 2006; Exibição: 2007. Sinopse: Ficção e documentário se misturam em uma história contada por Luis Fernando Verissimo, Luiz Antonio Assis Brasil, Eva Sopher, Jaime Sirotsky, Moacyr Scliar e Giba Giba, entre outros. Misturando imagens de arquivo e cenas recriadas, o filme apresenta um olhar sobre a cidade.

**Cão Sem dono** (Ficção, 82 min., Cor, Dolby)

Roteiro: Marçal Aquino, Beto Brant e Renato Ciasca; Direção: Beto Brant e Renato Ciasca; Montagem: Manga Champion; Elenco: Julio andrade, Tainá Müller, Marcos Contreras, Luiz Carlos Coelhos, Janaína Kremer, Roberto Oliveira, Sandra Possani; Produtora: Drama Filmes e Clube Silêncio; Produção: 2006; Exibição: 2007. Sinopse: O roteiro é baseado no livro de Daniel Galera, Até o dia em que o cão morreu. A história

conta as dificuldades de um jovem apático, formado em letras, e tentando achar seu lugar, enquanto lida com as figuras que independente de suas atitudes estão à sua volta, entre eles um cão.

### 3 Efes (Ficção, 100 min., Digital, Cor, Dolby)

Roteiro/Direção: Carlos Gerbase; Montagem: Giba Assis Brasil; Elenco: Cristina Kessler, Carla Cassapo, Ana Maria Mainieri, Paulo Rodriguez, Leonaardo Machado, Felipe de Paula; Produtora/Distribuidora: Casa de Cinema de Porto Alegre; Produção/Exibição: 2007. Sinopse: Comédia dramática que aborda as dificuldades afetivas, financeiras e culturais enfrentadas por um grupo de personagens que circula em torno de Sissi, uma jovem universitária que sustenta, a duras penas, o pai viúvo e o irmão pequeno.

### Ainda Orangotangos (Ficção, 81 min., Digital, Cor, Dolby)

Roteiro: Gibran Dipp e Gustavo Spolidoro; Direção: Gustavo Spolidoro; Elenco: Renata de Lélis, Janaína Kremer, Nilsson Asp, Heinz Limaverde; Produtora: Clube Silêncio; Produção: 2006; Exibição: 2007. Sinopse: Durante 14 horas de um dia quente de verão, quinze personagens transitam pelas ruas e prédios de Porto Alegre. Um dia mais que normal na capital gaúcha, em um único plano seqüência de 81 minutos.

## Anexo B – Exemplo de Ficha de Análise

Catalogação de Filmes - Porto Alegre Imaginada		Ficha Nº: 012
<b>1. Identificação e ficha técnica</b>		
<b>Título: Ainda Orangotangos</b>		
<b>Gênero:</b>	<input checked="" type="checkbox"/> Ficção	<input type="checkbox"/> Documentário <input type="checkbox"/> Experimental
<b>Duração: 81 min.</b>	<input type="checkbox"/> Curta-Metragem	<input type="checkbox"/> Média-Metragem <input checked="" type="checkbox"/> Longa-Metragem
<b>Cor:</b>	<input type="checkbox"/> P&B <input checked="" type="checkbox"/> Color	<b>Som:</b> <input checked="" type="checkbox"/> Dolby <input type="checkbox"/> Stereo <input type="checkbox"/> Mono
<b>Ano de Produção:</b> 2006	<b>Ano de Exibição:</b> 2007	<b>Suporte Original:</b> Digital
<b>Roteiro:</b>	Gibran Dipp e Gustavo Spolidoro	
<b>Direção:</b>	Gustavo Spolidoro	
<b>Montagem:</b>	Não há indicação de montador. Feito em plano seqüência.	
<b>Elenco/Personagens:</b>	Renata de Lélis (Loira Assanhada), Janaína Kremer (Morena Teórica), Nilsson Asp (seu Pedro), Heinz Limaverde (Escritor Orangotango).	
<b>Produção:</b>	Clube Silêncio	
<b>Distribuição:</b>		
<b>Site Oficial:</b>	<a href="http://www.aindaorangotangos.com">www.aindaorangotangos.com</a>	
<b>Sinopse do Filme:</b>	Durante 14 horas de um dia quente de verão, quinze personagens transitam pelas ruas e prédios de Porto Alegre. Japoneses vão limente no metrô. Garotas se beijam em um ônibus, enquanto discutem futebol e o saco do papai Noel. O porteiro de um grande condomínio só pensa na cerveja no fim do expediente. Uma mulher nua foge de pombas dentro de seu apartamento. Ao lado, um quarentão e sua garota tatuada, na falta de coisa melhor pra fazer, bebem perfume. No mercadinho um garoto tenta comprar aspirinas, mas o atendente lhe dá balas. Um grotesco escritor decide que um pacífico velhinho que caminha na rua deve ser o editor de uma obra sobre as 193 espécies de símios já descobertas no Planeta. Em uma festa evangélica de 15 anos não é Deus quem marca presença, mas o professor de canto da debutante. Um dia mais que normal na capital gaúcha, em um único plano seqüência de 81 minutos.	

<b>2. Análise da linguagem dos fragmentos fílmicos</b>	
<b>Visual</b> (enquadramentos, planos, ângulos, cores, iluminação):	
Plano seqüência de 81 minutos. Operador de câmera/diretor de fotografia do filme escolhido considerando sua altura, que precisava ser mediana para que o olhar da câmera estivesse na mesma altura dos personagens retratados ao longo da seqüência. Iluminação natural de cada um dos ambientes percorridos, exceto um dos apartamentos que utiliza luz artificial (HMI) para dar efeito de dia à cena.	
<b>Narrativa</b> (personagens, narrador, tempo diegético):	
Vários personagens são acompanhados pela cidade, não havendo uma história que conduza o filme do início ao fim. Não há um narrador ao longo do filme, narrativas de cada momento se dão através de ações e diálogos dos personagens encontrados. Tempo representado no filme é de 14 horas ao longo de um dia quente de verão, enquanto que o filme tem uma duração de apenas 81 minutos.	
<b>Montagem</b> (sintático, semântico, rítmico):	
A montagem é interna às cenas, pois sendo um plano seqüência, não há cortes ou transições. Há uma montagem conceitual anterior à gravação do filme, ou seja, todos os momentos são planejados e ensaiados à exaustão antes das diárias de gravação.	
<b>Sonoro</b> (trilhas sonoras, efeitos sonoros, sons diegéticos e extradiegéticos):	
Filme utiliza música contemporânea estilo pop gaúcho, predominantemente de autoria de músicos porto-alegrenses. Exceto pela trilha de abertura da série de TV Ultra Seven. Trilha é diegética em vários momentos do filme, com os músicos em cena executando as peças, caracterizados como personagens inseridos no contexto de cada momento. Em outros momentos a trilha é extradiegética para não interferir nos diálogos dos personagens.	
<b>3. Ocorrência de aspectos ligados à cidade/cidadãos de Porto Alegre</b>	
<b>PoA é enunciada?</b>	<input type="checkbox"/> Sim <input checked="" type="checkbox"/> Não
<b>Consumo cultural:</b>	<input type="checkbox"/> cinema <input type="checkbox"/> restaurante <input type="checkbox"/> livraria/banca de revista <input type="checkbox"/> shopping center <input type="checkbox"/> Igreja <input type="checkbox"/> biblioteca <input checked="" type="checkbox"/> Outros: Festa de quinze anos evangélica.
<b>Observações:</b>	
<b>Lugares de diversão:</b>	Não aparecem.
<b>Personagens que identificam a cidade:</b>	Torcedores do Internacional.
<b>Lugares que identificam a cidade:</b>	Mercado Público, Trensurb, parque Farroupilha (rendenção) cruzamento da Venâncio Aires com a João Pessoa, Av. Oswaldo Aranha.
<b>Cor da cidade:</b>	amarelada
<b>Caráter dos porto-alegrenses:</b>	<input type="checkbox"/> agressivo <input checked="" type="checkbox"/> indiferente <input type="checkbox"/> calmo/sereno <input type="checkbox"/> alegre <input checked="" type="checkbox"/> Todos os anteriores
<b>Clima da Cidade:</b>	<input checked="" type="checkbox"/> quente <input type="checkbox"/> temperado <input type="checkbox"/> frio
<b>Momento do dia:</b>	<input checked="" type="checkbox"/> manhã <input type="checkbox"/> tarde/entardecer <input checked="" type="checkbox"/> noite
<b>Percepção da cidade:</b>	<input type="checkbox"/> pacata <input checked="" type="checkbox"/> perigosa <input type="checkbox"/> segura <input type="checkbox"/> triste <input type="checkbox"/> dinâmica/vital <input checked="" type="checkbox"/> Outra: vazia.
<b>Descrição dos cenários urbanos mostrados no filme (já citados ou não):</b>	
Filme percorre aquilo que estamos definindo como o Circuito de representação da cidade na produção cinematográfica porto-alegrense: Começa dentro do trensurb, chegando no centro da cidade, entra no Mercado Público, depois pega um ônibus que margeia o centro passando pelo viaduto da Conceição até chegar na Av. Oswaldo Aranha (Bom Fim), segue pela avenida até a José Bonifácio, sai dela na quadra do Colégio Militar até a Av. Venâncio Aires. Da Venâncio Aires, os personagens retratados caminham até a Av. João Pessoa, em direção ao Parque Farroupilha, pegando depois um carro em direção ao Centro da Cidade.	

#### 4. Análise

##### Temas recorrentes:

Trensurb como meio de transporte da cidade; Futebol gaúcho (colorados); Sexo; Mercado Público.

##### Mitos e ritos dos porto-alegrenses:

Trensurb como meio de transporte da cidade.

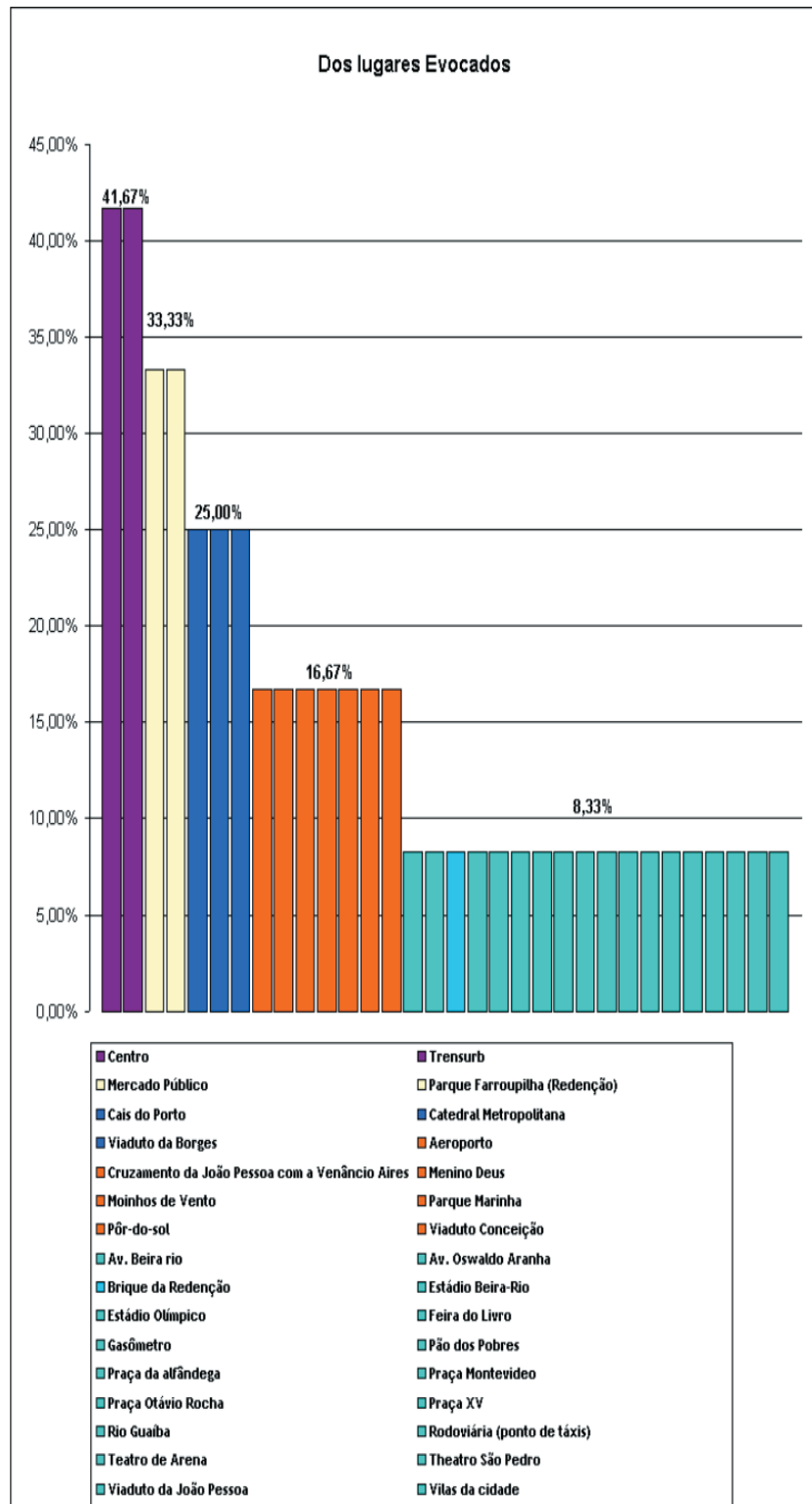
##### Referências a outras culturas latino-americanas:

Músicos latino-americanos se apresentando no centro da cidade.

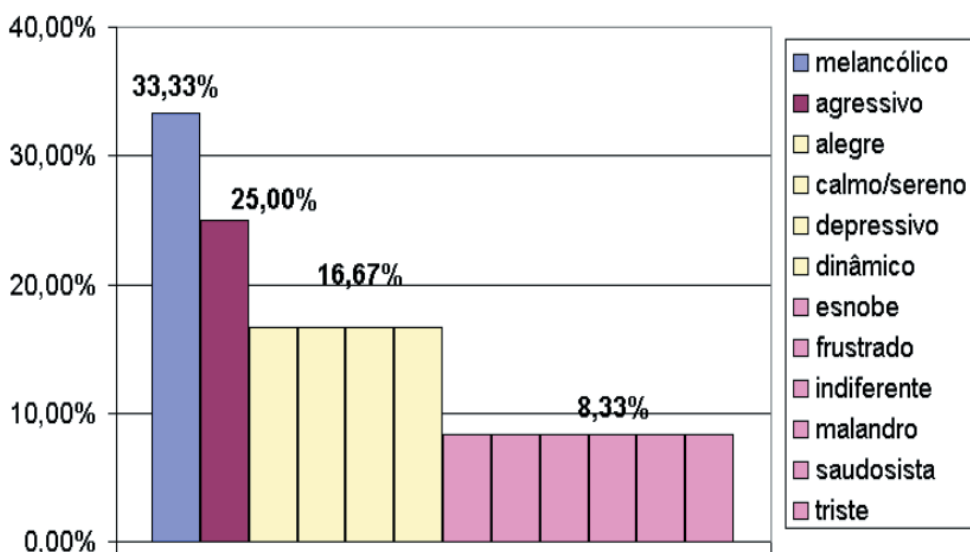
##### Relações das percepções do filme com os dados estatísticos (R-I ; I-R ; R - I - R):

## Anexo C – Tabulação dos Dados obtidos nos Filmes<sup>6</sup>

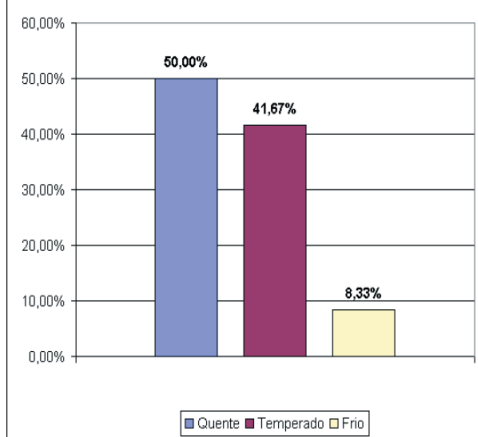
<sup>6</sup> Porcentagens dos gráficos calculadas sobre o número total de filmes, visto que os itens analisados podem ocorrer simultaneamente.



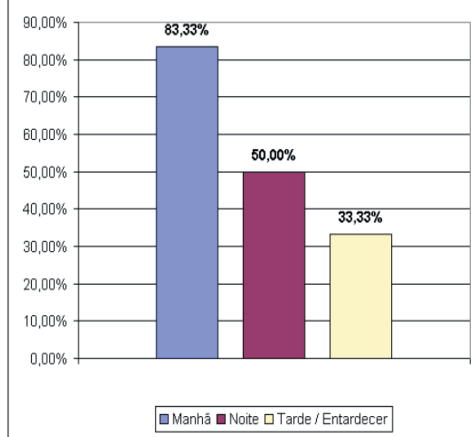
## Do caráter do porto-alegrense



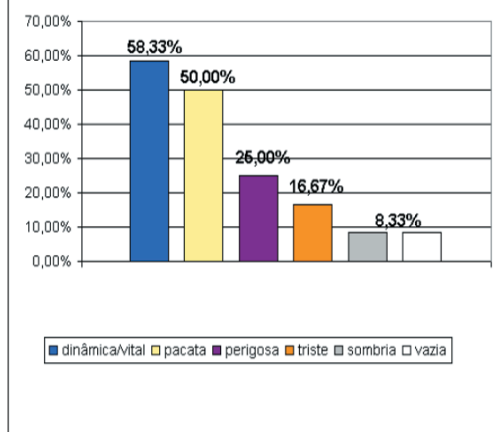
### Do Clima



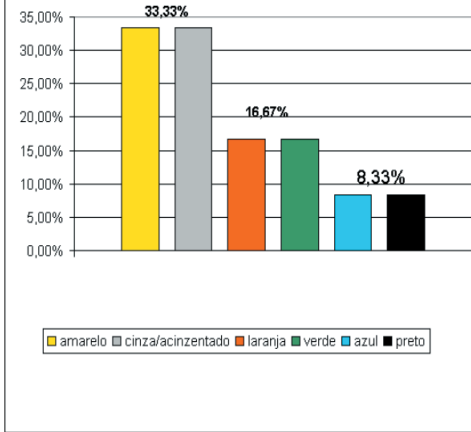
### Do período do dia



### Da percepção da cidade



### Da cor da cidade



**Miriam de Souza Rossini**

*Doutora em História pelo PPG em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).*

*Professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação e do Departamento de Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).*

*Bolsista de Produtividade do CNPq.  
miriam.rossini@ufrgs.br*

**Fabricio de Albuquerque Sortica**

*Bacharel em Publicidade e Propaganda pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).*

**Flávio Antonio Cardoso Gil**

*Bacharel em Relações Públicas pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).*